

O TEXTO ROSIANO

DOCUMENTAÇÃO E CRIAÇÃO

*Edna Maria F. S. Nascimento**

RESUMO

Procuramos analisar neste texto, entre os diferentes níveis do fazer literário de João Guimarães Rosa, apenas dois: o do documentador e o do criador.

*Genialidade, pois sim. Mas eu digo:
trabalho, trabalho, trabalho!*
(Rosa, 1971, p. 292)

A frase epígrafe, que se encontra na entrevista a Günter Lorenz, condensa a atitude de João Guimarães Rosa em relação ao fazer literário. De fato, a sua obra demonstra que o texto literário é fruto de trabalho. Parte de seu trabalho pode ser reconstituído mediante consulta no Arquivo Guimarães Rosa, pertencente ao Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. No contato direto com os papéis do escritor, fica evidente a pesquisa documental comentada em carta ao tio Vicente (Guimarães, 1972, p. 160), datada de Hamburgo a 3 de junho de 1939. Em um trecho dessa carta, traça um paralelo entre a sua personalidade e a do tio; a comparação é importante porque nela Guimarães Rosa se descreve como uma pessoa meticulosa e que desde cedo começa a armazenar material com que vai trabalhar em ocasião oportuna:

(...) e adotei naturalmente o processo de acumular material e afiar as ferramentas, à espera de momentos propícios e decisivos, quando a oportunidade passa por perto e a gente tem de segurá-la com mão firme, doidamente, como um louco que se agarrasse ao rabo de um cavalo a galope.

Para armazenar material, Guimarães Rosa desenvolveu diferentes “técnicas”, se assim podemos denominar, como comprovam:

* Universidade Estadual de São Paulo – Araraquara.

- as viagens a Minas Gerais em 1945 e 1952. Dessa última, a revista **O Cruzeiro** publicou uma reportagem a 21/6/52;
- as freqüentes consultas a dicionários que levam o autor a descobrir enganos e a fazer correções e sugestões ao dicionarista:

*Aqui, como em outros pontos, o termo “rancho” foi traduzido por “shack”, palavra que vem traduzindo também “cafua”. Como essas designações aparecem com grande freqüência em meus livros, gostaria que as precisássemos. “Cafua”, cabana, choupana, penso que se traduzem bem por “shack”, por “hut”. “Rancho”, porém, (que, aliás, não está bem definido no **Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa** – e vou falar com o Autor que o corrija na edição próxima), é uma construção rústica diferente: é um abrigo simplíssimo, no campo, sem paredes (ou às vezes só com uma parede), apenas com 4 esteios e um teto de capim seco ou de palha de coqueiro, só excepcionalmente de telas (sic) (quando, então, se chama telheiro). É um barracão, galpão ou cobertura, em geral, extremamente primitivo. O mais das vezes, não tem proprietário habitador; serve apenas para vaqueiros ou viajantes se abrigarem à noite ou durante a chuva. Ou, quando tem dono fixo, é apenas morada provisória de caçadores, pescadores, ou trabalhadores. (Carta à Harriet de Onis, Rio de Janeiro, 9/5/59. IEB)*

- o auxílio de livros especializados ou mesmo de pessoas especializadas para a denominação e descrição precisa de animais, principalmente bois e cavalos:

*Acabo de descobrir um livro: **The birds of British Guiana**, por Frederick Vavasour Maccornell/Charles Chubb, Londres, 1916. Assim também, acho que deve haver aí alguns livros que dêem relacionadas as cores e sinais dos bois e dos cavalos, com respectivos termos usados no West. Os professores de Zoologia, da universidade, poderiam informar, a este respeito. Seria importantíssimo para a revisão de “O burrinho pedrês” e para a versão dos **Corpo de baile** e “Conversa de bois”. (Carta à Harriet de Onis, Rio de Janeiro, 4/11/64. IEB)*

- o contato direto com os animais no zoológico era também uma forma de aprendizado:

Peguei-me com o coração me lembrando aquela nossa entretida ida ao Parc Zoologique de Vincennes, onde os bisões gorjeiam e as girafas (maluco-metódicas) galopam (...). E mesmo para mim, depois dessa experiência, desta mágica aventura, passei a saber coisas novas a respeito do ouriço e da folha de faia. (...) É perto dos bichos que os homens se amam mais. (Carta a Mário Calábria, Rio de Janeiro, 12/6/63. IEB)

- os informantes, principalmente o pai, Florduardo Rosa, mineiro de boa memória, ou outras pessoas do povo. Às vezes, são trechos inteiros como o do acidente que ocorre em “Conversa de bois” que ouviu de um carreiro:

Todo trecho, que descreve o acidente e a formidável reação dos bois da parelha do coice, é de extraordinária importância. Trata-se de narração real, e raríssima, de um caso que aconteceu, de fato, realmente. As palavras e expressões, do carreiro, que me contou sua dramática experiência, foram por mim quase que “taquigrafadas”, ipsa verbis. É um relato vivo, importante. (Queries “Conversa de bois”, anexo à carta a Harriet de Onis, Rio de Janeiro, 05/2/65. IEB)

- os glossários construídos nas correspondências com seus tradutores que se encontram no acervo Guimarães Rosa do IEB-USP
- a Coleção Guimarães Rosa (biblioteca do escritor). Em carta a Edoardo Bizzarri, Guimarães Rosa afirma estar espantado de ver como nas novelas de **Corpo de baile** há textos que se identificam com os de outros autores:

E eu mesmo fiquei espantado de ver, a posteriori, como as novelas, umas mais, outras menos, desenvolvem temas que poderiam filiar-se, de algum modo, aos “diálogos”, remotamente, ou às “Enéadas”, ou ter nos velhos hindus qualquer raizinha de partida. Daí, as epígrafes de Plotino e Ruysbroeck. (...) Quero ficar com o Tao, com os Vedas e Upanishades, com os Evangelistas e São Paulo, com Platão, com Plotino, com Bergson, com Berdiaeff – com Cristo, principalmente. (Bizzarri, 1971, p. 67)

- o conhecimento de idiomas, como comenta em entrevista à prima Lenice:

*Falo: português, alemão, francês, espanhol, italiano, esperanto, um pouco de russo; leio: sueco, holandês, latim e grego (mas com o dicionário agarrado); entendo alguns dialetos alemães; estudei a gramática: do húngaro, do árabe, do sânscrito, do lituano, do polonês, do tupi, do hebraico, do japonês, do theco, do filandês, do dinamarquês; bisbilhotei um pouco a respeito de outras. **Mas, tudo mal.** Eu acho que estudar o espírito e o mecanismo das outras línguas ajuda muito a compreensão mais aprofundada do idioma nacional. Principalmente, porém, estudo-as por divertimento, gosto, distração. (Guimarães, 1971, p. 173)*

- os recortes com fotos e textos sobre animais, fotos de bois, cavalos, vaqueiros e tropeiros, que se encontram na série “Estudos para a obra” do Arquivo Guimarães Rosa (IEB-USP).
- listas de palavras, em geral, em ordem alfabética, acompanhadas de sua tradução intralingual, encontradas também no acervo do escritor (IEB-USP).

Utilizando-se dessas “técnicas” de pesquisa, Guimarães Rosa armazenou:

- termos da flora: *cambaúba*

A cambaúba, aquele bambuzinho abundante bonito, fino se alçava e fechava, compondo arcos, de lado e de outro do caminho vinham, atingindo-se as pontas dos colmos. (Rosa, 1969 b, p. 122)

- termos da fauna: *feneque* – “O feneque é a raposinha do Saara, que come ameixas e pão molhado no leite, e pula por brinquedo.” (Rosa, 1970b, p. 205)
- termos do folclore: *folia-de-reis*

A Folia-de-Reis – bando exótico de homens, que sempre se apresentam engraçadamente sérios e excessivamente magros, tinham o imprevisto decoro dos pedintes das estradas, a impressiva hombridade esmoler. (Rosa, 1970b, p. 66)

- termos populares: *baldrocar* (*Fazer baldrocas; enganar*) – *Aventes baldrocavam suas pequenas coisas, trem objeto que um tivesse e menos quisesse, que custou barato.* (Rosa, 1968, p. 156)
- brasileirismos: *assente* – *Primeiro, encontramos de repente com ele, quando se ia por um assente – chapadazinha dessas, de capim fraco.* (Rosa, 1968, p. 405)
- termos eruditos – Uma passagem de “São Marcos” (**Sagarana**) é representativa pelo uso freqüente de elementos eruditos greco-latinos, geralmente relativos à disciplina científica:

É que o meu parceiro Josué Corneta conseguiu ampliar um tanto os limites mentais de um sujeito só bi-dimensional, por meio de ensinar-lhe estes nomes: intimismo, paralaxe, palimpsesto, sinclinal, palingenesia, prosopopese, amnemosínia, subliminal. (Rosa, 1965, p. 236)

- termos arcaicos: *malino* (*maligno*) “A bala eu chupei, estava azedinha gostosa... – ainda dizia, depois, mais malino.” (Rosa, 1970a, p. 115)
- termos técnicos: *hidrópico* (Termo da medicina. Que, ou aquele que padece de hidropisia, acumulação de serosidades no tecido celular ou numa cavidade do corpo). “(...) os cegos mais sem gestos, loucos acorrentados, idiotas, héticos e hidrópicos, de tudo: criaturas que fediam.” (Rosa, 1968, p. 58)
- xenismos – “Conseguiram eles do Finanzamt algumas divisas, e foram para a lua-de-mel em Bruxelas.” (Rosa, 1970b, p. 4)
- regionalismos

Na Bodoquena, ou p’ra riba daqui, onde tem o bugre... Rês, por lá, chama “brabeza”, tudo bagual, gado perdido. (...) Vaqueiro de lá, é capaz de homem cidadão como o senhor nem entender a fala deles. (Rosa, 1969c, p. 94)

- expressões – “(...) onde se achava um homem sem aparência, se bem que, por certo, como curiosamente se diz, já ‘entrado em anos’”. (Rosa, 1972, p. 50)
- provérbios – “P’ra que?... Essas artes a gente guarda... “Quem fala muito, dá bom-dia a cavalo”! (Rosa, 1965, p. 187)

- textos – O exemplo, acreditamos que haja muitos outros, é do conto “Minha Gente”, de Sagarana. A citação aparece entre aspas em um diálogo:

Também já voltava Santana, montado num burro casmurro. E eu quis comandar, por minha vez:

— *Vamos! Partamos! Já Circe, a venerável, me advertiu...*

Mas Santana, que é criatura do Caraça, retrucou:

— *Vinde, amigos, perguntai ao estrangeiro se sabe ou se aprendeu, algum dia, qualquer jogo...* (Rosa, 1965, p. 170)

Foi na leitura da correspondência do autor que encontramos o seguinte trecho que comprova a intertextualidade:

Já Circe, a venerável, me advertiu: trata-se de um verso da *Odisseia*, de Homero (*Homer's Odyssey, book X (Canto X)*, linha 54. (...) ***Vinde, amigos... Qualquer jogo.*** Outra citação da “*Odisseia*”: *Homer's "Odyssey", book VIII*. (Canto 8), linhas 133-134. (Queries “Minha Gente”, anexo à carta a Harriet de Onis, Rio de Janeiro, 28/10/64. IEB)

O emprego desses termos do código é utilizado por Guimarães Rosa como recurso para imprimir aos personagens, ao universo e ao enredo, coerência e veracidade. Com o uso deles, o autor introduz no discurso os diferentes níveis de linguagem: dialetos, regionalismos, empréstimos, ou seja, modos de falar que retratam e caracterizam um ambiente, uma pessoa, uma época, uma profissão. Esses termos acumulam duas semióticas: têm um sentido denotado e conotam um conjunto de condições socioculturais.

A incorporação desse saber “armazenado” ao texto roseano torna o seu discurso dialógico, um tecido de vozes: do autor, do personagem, do narrador, do personagem-narrador, de outros autores, da cultura brasileira, de outras culturas.

A própria linguagem é responsável pela composição do universo literário; como comenta Guimarães Rosa (Rosa, 1971, p. 307), não é necessário, a todo momento, colocar-se nota de rodapé para dar impressão de “realidade”. Para criar a sua “língua” utiliza-se, além de outros recursos, desses elementos estereotipados que, como frisa: “(...) não são minha propriedade privada, mas estão à disposição de todos os outros da mesma maneira”. (Rosa, 1971, p. 292)

Assim como adotou naturalmente o processo de acumular material, como afirma em carta ao tio Vicente, citada no início deste texto, o escritor desenvolveu também um trabalho de elaboração lingüística a partir da cunhagem de novas palavras. Amparado no sistema, que conforme Coseriu (Coseriu, 1967, p. 15) contém a estrutura e o funcionamento efetivo e virtual de uma língua, João Guimarães Rosa ultrapassa a norma, que para o mesmo autor restringe-se à estrutura e ao funcionamento apenas efetivo de uma língua, e atualiza as virtualidades do sistema. O seu texto compõe-se então de vocábulos, que embora não existindo efetivamente, são

criados a partir de regras previstas no sistema da língua portuguesa. O seu trabalho consiste em preencher fórmulas vazias com expressão e conteúdo únicos. Os processos ou matrizes morfológicas utilizados por ele para burlar a norma vigente e atualizar novos vocábulos são:

Derivação

- *sufixal*: “musgoengo (De musgo e – engo, sufixo de origem germânica que encerra idéia pejorativa). Seu fim, o muro, musgoengo.” (Rosa, 1970b, p. 253)
- *derivação de palavras compostas*: “beija-florou. Dá, deu: bala beija-florou.” (Rosa, 1968, p. 446)
- *derivação regressiva – nominal*: *charravasco* (De *charravascal. Brasileirismo. Campo de vegetação média, de cerca de três metros de altura, composta de certas leguminosas e espinheiros, de tal densidade que se torna quase impenetrável*). *Seguimos um caminho arenoso, através do charravasco (...)* (Rosa, 1969 c, p. 93)
- *prefixal*: “ecpétalas (De ec-, movimento para fora, separação e pétalas). Raiam, se entrançam ou empraçam; aderem, ecpétalas, à parede, ao chão (...)” (Rosa, 1970b, p. 164)

Composição

- *justaposição*: “pai-jagunço. Um pai-jagunço, chamado Antenor (...)” (Rosa, 1968, p. 136)
- *aglutinação*: “felizquim (De feliz e (Joa)quim). Quim, o novo-casado, de medidas sem cura, com esquisitâncias e coisnhiquezas, lunático-de-mel, ainda mais felizquim.” (Rosa, 1967, p. 109).

Parassintetismo – “desdentadura (De des – e dentadura e – ada) – com sua voz desdentadura, mas, mesmo assim, vozeirão (...)” (Rosa, 1969c, p. 47)

Onomatopéia – aeiouava (De aieou e – ar). “O mato – vozinha mansa – aeiouava.” (Rosa, 1969b, p.142)

Reduplicação – “rumorrumor . (...) contra o rumorrumor e os estalos rubros, moça maga”. (Rosa, 1969b, p. 194)

Abreviação – vinga (De vingança). “Você jurou vinga”. (Rosa, 1968, p. 284)

Anagrama – vilhamara (De maravilha). “Sobrelanço, ainda – um desmedimento – o buriti-grande. – Maravilha: vilhamara!” (Rosa, 1969b, p. 126)

Associação paradigmática – chipanzefa e orangovalsa (Formados a partir da associação paradigmática das partes zé e tango respectivamente das palavras chipanzé e orangotango). “A gorila-fêmea. A chipanza ou chipanzefa. A orangovalsa. (Não menos acertará quem disser a chipanza)” (Rosa, 1970b, p. 113)

Nos exemplos acima, podemos observar que o autor não modifica os modelos lingüísticos, ele trabalha sem alterar o nível paradigmático da norma. As estruturas de suas criações estão previstas na norma vigente: são abonadas na gramática. O dicionário é que não as abona. Poderíamos ponderar que, sob o ponto de vista da

norma estrutural vigente, essas criações são pertinentes, elas apenas não tinham ainda sido atualizadas.

Outra forma de o autor burlar a norma vigente é alterando o próprio funcionamento dessas matrizes morfológicas. Nesse caso, o trabalho com o material lingüístico ultrapassa o nível paradigmático e atinge o nível sintagmático: são criações que resultam de novos usos ou combinações dos paradigmas. Para João Guimarães Rosa as combinações lingüísticas são ilimitadas. A metáfora roseana língua/painel de mesa telefônica do texto “Pequena palavra” que prefacia a **Antologia do conto húngaro**, organizada por Paulo Rónai, esclarece com propriedade e nitidez o que tentamos explicar:

Praticamente ilimitada é a criação de neologismos, o verbum confingere. O intercambiar dos sufixos e das partículas verbais é universal: os radicais aí estão, à espera de um qualquer afixo, como os forames de um painel de mesa telefônica, para os engates ad libitum. Possível, mesmo é a engendra de sufixos novos, partindo de terminações singulares ou peregrinas de vocábulos. Vale é o valível. Imissões adúlteras não são ilegítimas. (Rosa, 1957, p. XXIV)

São as seguintes as “formas” encontradas por Guimarães Rosa para transgredir o uso e o funcionamento da norma vigente:

- *ampliação do uso de sufixo categorial*: nãoezas (subst.). (De não (advérbio) e – eza (sufixo empregado para formar substantivo de adjetivo, confira belo < beleza). “Naquela véspera, eu andava meio relaxo, fraco; eu já declinava para nãoezas?” (Rosa, 1972, p. 106)
- *formação de verbos partindo de pronome e numeral*: comiga (Do pronome comigo e – ar) e quateou (Do numeral quatro e – ar) “Com alguns, porém, não tenho sorte: a hiena rajada, por exemplo, é uma que comiga dificilmente”. (Rosa, 1970b, p. 115)

Tanto que dei ordem. Repartição de gente – se carecia -: determinei assim. Metade – Metade. Os com João Goanhá e João Concliz ficavam, altôs, no Cererê-Velho, cumprindo espera afoíta. E chamei os outros, e Marcelino Pampa de soto-comando: rompemos para o paredão. Tudo se quateou num ponto, no volver-se voltar dos cavalos. (Rosa, 1968, p. 426)

- *adjetivação de sufixo* – Em **Grande sertão: veredas**, o sufixo – onho aparece como forma livre empregada como adjetivo: “Sarre os onhos olhos amarelos de gavião, dele, hem”. (Rosa, 1968, p. 200)
- *uso do duplo sufixo diminutivo no mesmo vocábulo*: passarinhozinhos – “Iam encher o mundo de passarinhozinhos”. (Rosa, 1969 b, p. 182)
- *uso dos sufixos aumentativo e diminutivo no mesmo vocábulo*: bonitonazinha – “Eu juro que nunca vi moça tão bonitonazinha como a senhora, nem com um jeito tão bom pra gente...” (Rosa, 1965, p. 106)

- *flexão de grau em verbo, pronome, advérbio, conjunção*:
 “(...) seo Olquiste exclamou: – Ypperst!” (Rosa, 1969a, p. 30)
 “Pois essezinho, essezim (...)” (Rosa, 1968, p. 13)
 “Tinha de vir demorão ou jájão”. (Rosa, 1968, p. 17)
 “Ai, viram. Quandão, donde viera a má voz, se soerguia do chão uma cabeçona de gente”. (Rosa, 1969a, p. 37)
- *revitalização do sufixo* – ã: regougã (Há o verbo regougar, gritar usado para a raposa) – “A raposa regougã, bicho de sábia fome e sentidos”. (Rosa, 1970b, p. 202)
- *emprego isolado do prefixo*: supras – “Melim – Meloso renegou dele, só sorrindo; se o regateou, foi com supras de amabilidades”. (Rosa, 1967, p. 92)

Essas criações podem causar estranhamento ao leitor, se ele partir do pressuposto de que, muitas vezes, já há vocábulos de uso corrente que poderiam expressar o discurso roseano. Mas mergulhando na obra, o leitor atento poderá descobrir que a cunhagem de um novo termo não substitui o termo já existente. A sua função primordial é tentar descondicionar os hábitos verbais do leitor com a finalidade de levá-lo a penetrar em um novo microuniverso. São novas formas de ver, sentir, interpretar o mundo. Guimarães Rosa, em várias passagens da sua correspondência com tradutores, confirma o que acabamos de afirmar:

Deve ter notado que, em meus livros, eu faço, ou procuro fazer isso, permanentemente, constantemente, com o português: chocar, “estranhar” o leitor, não deixar que ele repose na bengala dos lugares-comuns, das expressões domesticadas e acostumadas: obrigá-lo a sentir a frase meio exótica, uma “novidade” nas palavras, na sintaxe. Pode parecer crazy de minha parte, mas quero que o leitor tenha de enfrentar um pouco o texto, como a um animal bravo e vivo. O que eu gostaria era de falar tanto ao inconsciente quanto à mente consciente do leitor. (Carta à Harriet de Onis, Rio de Janeiro, 2/5/1959. IEB)

No início deste texto, afirmamos que a obra de Guimarães Rosa demonstra que o texto literário é fruto de trabalho. Procuramos, ao longo do texto, demonstrar, entre os diferentes níveis de trabalho do fazer literário roseano, apenas dois: o do documentador e o do criador.

ABSTRACT

Thorough this text, we will be analysing two of the different levels in Guimarães Rosa's literary creation: that of a documentator and that of a creator.

Referências bibliográficas

- BIZZARRI, E. J. **Guimarães Rosa**: correspondência com o tradutor italiano. São Paulo: Instituto Cultural Italo-Brasileiro, 1972.
- COSERIU, E. **Teoría del lenguaje y lingüística general**. Madrid: Gredos, 1967.
- FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- GUIMARÃES, V. **Joãozinho**: infância de João Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1972.
- NASCIMENTO, E. M. F. S. **Contribuição para o estudo do léxico roseano**. São Paulo: Dep. de Lingüística e Línguas Orientais, 1979. (Dissertação, Mestrado em Letras)
- NASCIMENTO, E. M. F. S. **Estudo da metalinguagem natural na obra de Guimarães Rosa**. São Paulo: Dep. de Lingüística e Línguas Orientais, 1987. (Tese, Doutorado)
- NASCIMENTO, E. M. F. S., COVIZZI, L. M. **João Guimarães Rosa**: homem plural: escritor singular. São Paulo: Atual, 1988.
- ROSA, J. G. **Ave, palavra**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1970.
- ROSA, J. G. **Correspondência inédita de João Guimarães Rosa**. São Paulo: Arquivo Guimarães Rosa, [19--].
- ROSA, J. G. **Estas estórias**: veredas. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1968.
- ROSA, J. G. **Literatura deve ser vida**: um diálogo de Günter W. Lorenz com Guimarães Rosa. In: **Exposição do novo livro alemão no Brasil**. Frankfurt: Ausstellung, 1971.
- ROSA, J. G. **Manuelzão e Miguilim**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1970.
- ROSA, J. G. **No Urubuquaquá, no Pinhém**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1969.
- ROSA, J. G. **Noites do sertão**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1969.
- ROSA, J. G. **Pequena palavra**. In: RÓNAL, P. **Antologia do conto húngaro**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1957, p. xi-xxviii.
- ROSA, J. G. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1972.
- ROSA, J. G. **Sagarana**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1965.
- ROSA, J. G. **Tutaméia**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1967.
- ROSA, J. G. **Grande sertão**: veredas. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1968.